



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

## O IMOBILISADO



PORTUGAL, O BOM VELHOTE:

— A puxar cada qual para seu lado, como diabo querem que eu caminhe?!



## PALESTRA AMENA

## A pena e o cofre

Ha cincoenta anos que D. Maria Amalia Vaz de Carvalho escreve para o publico e sempre o fez com honestidade, recreando ou educando, ou antes, educando constantemente, porque o recreio é uma especie de educação. E por que levou cincoenta anos n'essa ingrata faina, obteve agora uma pena de ouro e um cofre do mesmo metal, sessões publicas de homenagem, não falando nas referencias que lhe fizemos no *Seculo Comico*, em prosa e verso.

Tudo isto é muito e é pouco. E' muito, no nosso paiz, onde em geral ninguém se importa que uma pessoa se moha a trabalhar durante meio seculo; é pouco, porque, o que parece de mais valioso, a pena e o cofre, se revelam boa vontade e representam um sacrificio da bolsa, nos tempos bicudos que vão correndo, denotam uma certa pobreza imaginativa ou, se assim não é, um esforço cerebral minimo.

A' mais inocente das crianças ocorreria a idéa de dar a um escritor uma pena; dá-se em qualquer aniversario de qualquer plumitivo que tenha rabiscado qualquer parvoice. Quanto ao cofre aparece como complemento natural da pena: a pena é simbolica, não pratica, não para escrever, logo não deve estar no suporte habitual, ao lado do tinteiro. E' necessario guarda-la: onde? certamente não no guarda-vestidos, na gaveta da mesa de cabeceira ou nas prateleiras da despensa. Por consequencia, n'um cofre—é evidente.

Demonstra este facto que não houvesse a intenção de presentear a illustre artista com oferta condigna da sua obra? Não, decerto; demonstra simplesmente o que acabamos de dizer, inclinando-nos para a preguiça de procurar, para a facilidade do menor esforço.

Dizem-nos que uma senhora, que foi grande amiga de artistas, presenteou D. Maria Amalia com um rico e confortavel «chalet», não lhe tendo passado pela cabeça a idéa da pena e do cofre; essa, sim, que pensou profundamente e que encontrou o modo de retribuir o que muito devia—o que toda a gente deve—ao trabalho da escritora. Deu-lhe uma obra de arte que ela pode gosar a todo o momento, e deixar ás pessoas que estima, as quaes, evidentemente, não se contentarão sómente em contemplar o «chalet» como saudoso titulo de gloria para a familia, o que acontecerá perante a pena e o cofre...

N'este ponto da palestra a comissão das festas de homenagem julgar-nos-ha duramente, chamar-nos-ha nomes feios e perguntará qual seria o nosso alvitre se tivéssemos a honra de pertencer á mesma comissão. Pois bem: não bate á porta de pessoa desprevenida, porque, ao contrario dos que não se quizeram fatigar na procura, nós ha mezes que nos fartamos de encarar o

problema sob todos os seus aspétos, estudando-o afincadamente. E chegámos, finalmente, a uma solução, que não queremos ocultar por mais tempo, embora a oportunidade tenha passado: nós, sê fossemos chamados a capitulo e nos perguntassem o que devia oferecer-se á notavel escritora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho pelas suas bodas de ouro literarias, responderíamos sem hesitar:

— Uma pena de ouro e um cofre!

J. Neutral.

## Errata

Na 1.<sup>a</sup> pagina do *Seculo Comico* aqui presente, soberbo desenho traduzindo uma ideia luminosissima, qual a de mostrar que Portugal não anda porque cada partido puxa para seu lado, em lugar de todos puxarem



por ele a direito, o desenhador esqueceu-se de representar o unionismo.

Faz aqui a competente errata, para que se não julgue que ele quiz excéltuar alguém. Todos teem feito o que teem podido, graças ás cabaças, até os que pretendem puxar para deante...

## As corôas



*E' praxe quando morre uma pessoa,  
No calxido que lhe serve de transporte  
Manifestar-se a pena pela morte  
Por meio de uma esplendida corôa.*

*D'esse modo é que, em regra, se apregôa  
O amor de quem ficou, chorando a sorte,  
Do pai, do irmão, do primo, do consorte,  
Fosse e a em vida má, ou fosse boa.*

*Vi a que tu ha pouco a teu marido  
Pobre mortol—ofertaste; era elegante,  
Distinta, d'um discreto colorido,*

*De onde inferi, por dedução flagrante,  
Que decerto a não tinhas escolhido...  
Reconheci a mão do teu amante.*

MASCARA AZUL.

## Torre de chifre

Aí vae uma beleza de hortaliça cuja publicação nos pedem com muito empenho:

## Tempestades do coração

Autora das minhas lagrimas nescentes  
Como és cruel! como és crue!  
Acaso teu coração será taito de fel  
Ou de outros venenos diferentes?

Porque o meu rival me preferes  
Porque é que ele te enfeitica  
Oh! não! não ha no mundo justiça,  
Nem corações como os das mulheres!

Já viste perto a sepultura  
A parca a chamar por mim:  
Que te fique o remorso, oh! sim!  
De teres feito a minha desventura!

J. S. LINO.

## Justiça

De ha muito que o *Seculo* anda a clamar, qual voz no deserto, contra o modo como a justiça é administrada na nossa terra, onde os criminosos se riem dos tribunaes, contando antecipadamente com a iniquidade. Parece comtudo, que os clamores d'esta vez vão ser ouvidos, com o que muito nos



congratulamos, não sem chamarmos a atenção dos reformadores para um caso veridico e merecedor d'uma excéção á nova lei, se ela fór tão rigorosa como se supõe.

Em certa vila da Extremadura a prisão era n'um edificio infeto, triste, humido e pouco higienico.

Um dia, os presos resolveram pedir que os mandassem para casa melhor, em condições sanitarias mais aceitaveis e então praticaram o seguinte, com a maior das simplicidades: abriram as portas da prisão, saíram e dirigiram-se a casa do delegado, a quem expuseram as suas queixas. Este prometeu interessar-se pela mudança e então os homens, satisfeitos, regressaram á velha prisão, onde esperaram pacientemente o cumprimento da promessa.

E cumpriu-se, achando-se agora os presos confortavelmente instalados, n'uma das melhores praças da povoação, que, por sinal, é Vila Nova de Ourem. E' para esses honrados cidadãos que solicitamos a benevolencia do legislador.

## Camêlos e ursos

Já todos sabem que deu á luz uma robusta criança do sexo feminino a senhora do camêlo do Jardim Zoologico, e que, simultaneamente, uma das ursos do mesmo estabelecimento deu tambem á luz, não se sabendo por ora quantas crianças, visto que a mãe arreganha os dentes a quem pretende aproximar-se e oculta cuidadosamente a prole.

Registamos o caso, primeiro porque não é vulgar—hão de convir que não nascem camêlos e ursos por aí, a cada passo—e porque a infancia nos mereceu sempre a maior atenção, visto que ela ha de constituir a sociedade futura. De pequenino é que se troce o pepino, e de não se cumprir este preceito é que muitas vezes adveem calamidades irremediaveis; se teem torcido á nascença, alguns dos nossos homens publicos de hoje, talvez as coisas não estivessem no pé em que estão.

Ora pois, desde já nos insurgimos contra o que se está praticando com o camêlo recém-nascido, o qual, ao que dizem os jornais, por falta de leite



da mãe está sendo amamentado a leite de vaca. Já se viu maior descôcol! Quer dizer: estão metendo no sangue do pequeno nada menos do que sangue de touro, de modo que o mais provavel é um animal tão inofensivo como o camêlo vir a ter instintos de fera, marrando—pelo menos!

Aí fica o protesto contra a barbaridade em perspectiva, sem explicação n'um tempo em que a tendencia já é para a ferocidade, mesmo em quem não mama leite de procedencia taurina. Pois não podiam dar-lhe, por exemplo, leite de ovelha ou de burra?

Quanto aos ursos parece que são amamentados pela mãe; em todo o caso, se fôr necessario, vejam lá agora se lhes dão leite de pantera!

## Livros, Livrinhos e Livrecos

**Junia**, versos de Jaime Camara, com musica de Cesar Santos.—Conta o poeta madeirense Jaime Camara as desditas de Tullius, heroe romano, apaixonado pela patricia Junia, noiva do joven Appius. Cesar ordena a Junia que despose o guerreiro Tullius, o qual trespassa Appius com seu gladio, o que determina em Junia um acesso de loucura.

E' um trecho bem ritmado, excerpto



## EM FOCO

## A atriz Pepita de Abreu

*E' minha opinião, dona Pepita,  
Que não deixas de ter engenho e arte  
Em coisas teatraes; por outra parte  
Tens muita mocidade e és bem bonita.*

*Ora, quem de tal modo se acredita  
E', por assim dizer, um ente d'arte;  
Não precisas que estejam a gabar-te,  
Nem vaes, tenho a certeza, n'essa fita.*

*Assim, pois, se te louvo, não pareça  
Que tenha qualquer porto reszroadado,  
Ou projetos d'amôr n'esta cabeça.*

*E' por dar-te um conselho: tem cuidado,  
Ama, Pepita, só quem te mereça,  
Como este teu humilimo criado...*

BELMIRO.

## Correspondencia

**Mosquito**—A sua fabula, posto que de assunto exploradissimo, não está nada má. Sabe porque a não publicamos? Porque nos diz na carta que a acompanha: «Desejando oferecer uma carapuça a um sujeito que me dá a honra de ser meu inimigo...»

O *Seculo Comico* não serve para essas coisas.

## DE FORA

## A festa da Boneca

Fui á festa da Boneca,  
vêr essa «trapologia».  
Quem por curioso peca  
assim gasta e passa o dia.

Vi lá bonecas garridas  
e constatei, por sinal,  
que ha outras mais mal vestidas  
nas ruas da capital.

O grupo das bonequitas  
(esta não lembra a nen'um)  
fez da Casa dos Artistas  
barraca de pim-pam-pum.

De or'avante, a portugueza,  
desmentindo o que se diz,  
já não manda, com certeza,  
vir os «bébés» de Paris.

Lá vi em miniatura  
grandes figuras de outr'ora.  
A sua caricatura  
são as figuras de agora.

As bonecas com seus modos,  
dizem alto aos circunstantes:  
—Bonecos somos nós todos  
n'este paiz de feirantes.

Bramão de Almeida.

de tragedia que o autor deve completar, porque tem folego para isso.

**Brisas do Ocidente**, de João Camilo Felix Correia.—E' uma coleção de versos—sonetos, na maioria—ainda não impressos e que o autor nos remete com amabilidade, provavelmente para saber a nossa autorisadissima opinião. Não é ela desanimadora, fique sabendo o poeta; e se o não proclamamos imediatamente vencedor completo é porque ele escolheu uma forma de poesia de grande dificuldade: um soneto perfeito é tão raro...

Não nos chega o espaço para transcrições, mas por especial deferencia aí vai uma quadra que justifica o nosso benevolo parecer:

Perdi-me a contempla-la, a minha mente  
N'uma clara visão tudo abrangia:  
As gentes de quem ela descendia  
E as virtudes sem par d'aquella gente!

## Bôa piada

Ali adiante, na *Salão Foz*, representa-se uma revistinha intitulada *E' agora!* e que se ouve com certo agrado.

—Temos reclamo, hein? pergunta o leitor desconfiado.

Não, senhor: não temos as minimas relações com a empreza ou autores. Citamo-la porque achámos muito bôa uma das suas piadas, resolvendo transmitti-la ao publico pela imprensa periodica, como é de nosso dever.

Dialogo a respeito da carestia das subsistencias:

—E' o diabo para os pobres.

—E para os ricos.

—Ora os ricos não sofrem nada.

—Qual não sofrem! Olha: o Monteiro Milhões ofereceu ha pouco um jantar. Pois fica sabendo que um dos pratos consistia n'uma batata com muitas galinhas em roda...

# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

18.ª Parte

3.º Episódio

A MACACARIA

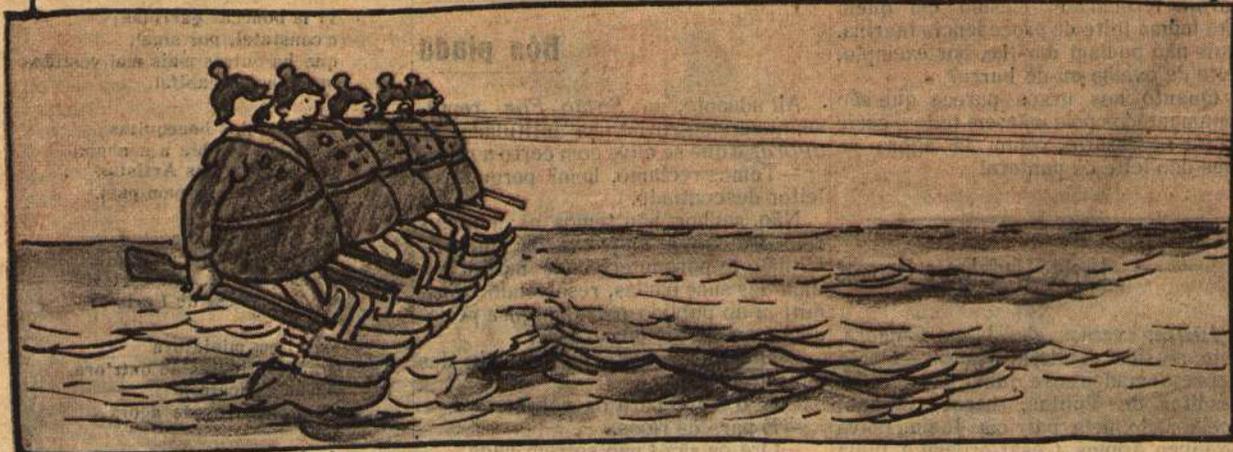
(Continuação)



1.—Havendo os boches inventado os celebres sapatos marítimos, cujo modelo se vê acima (A, tubo de descarga, C, helice, D, quilha), um corpo de policia boche é encarregado de ir, por mar, prender o Manecas.



2.—Este, porém, carrega a bordo do submarino os canhões com a espantosa metralha que acaba de inventar e que produz o efeito que se vê na gravura presente.



3.—Resultado: os boches vão a reboque do submarino, mais uma vez batidos pelo engenho do Manecas, o menino mais prodigioso dos tempos modernos.

(Continua).

## SEMANA DE LUTO

**S**EMANA de luto, de meditação, esta em que entramos. Recorda n'ela a cristandade o drama, sempre sublime de amor e de sacrificio, que se desenrolou do Cenáculo ao Golgota, remindo com o sangue do Justo os erros dos improbos e despedaçando as duras gargalheiras da humanidade, escrava do preconceito e da tirania. Revestem-se de negro os templos, velam-se os sorrisos da arte nos altares e nos sacrarios e até parecem velar-se nos labios das imagens; calam-se os sinos, extinguem-se os lumes, fazem-se trevas, como se o solário romano voltasse a apontar a terrível hora nona, em que o espirito do Nazareno se evolou, cançado das lutas aridas da terra e ansioso do seio refrigerante de seu Pae.

Rememora-se o drama da paixão que teve n'essa hora o seu desfecho tremendo; mas a hora presente não é menos cheia de incertezas, de angustias, de horrores para as almas alanceadas dos crentes. A recordação sentida da obra infame do sumo sacerdote, dos escribas e fariseus, urdida contra Cristo, não se pôde separar, n'estes dias infelizes, da contemplação dolorosa do espetáculo desumano que oferecem os logares sagrados, profanados e derruidos pela invasão alemã.

As justiçaes romanas inflingiram-lhe o suplicio da cruz, relegado á sua alçada pelas autoridades religiosas; os seus soldados dividiram entre si os seus vestidos e tiraram á sorte a sua tunica; mas respeitaram-lhe sempre o templo onde ele passava os seus dias e azorragou uma vez os vendilhões, sem que soldados e quadrilheiros lhe suspendessem o braço indignado, como foram e teem sido sempre respeitados os dois rochedos, n'um dos quaes caiu o seu sangue e n'outro foi sepultado o seu corpo, ambos cobertos depois por uma igreja do mais estranho e misterioso aspeto que é possível imaginar-se.

As palavras da escritura *não ficará pedra sobre pedra* só deviam ter hoje o seu verdadeiro cumprimento.

Onde se ergue uma cruz, no alto do templo em que se prostam as multidões, nos cemiterios onde se choram os mortos, ou nos ermos onde os seus braços severos se abrem sobre o logar do crime, a sanha teutonica deixou no furacão da sua passagem a marca inconfundivel e maldita dos seus processos de guerra, em que requintam os horrores dos medievaes.

Tudo o que erigiu o amor, a crença e a piedade, tem sido o alvo



O que resta de um crucifixo atingido por uma granada alemã



Aspéto de um cemitério bombardeado

predileto da bomba e da granada. Quando não alvejam as igrejas, os monumentos, os tumulos, fortificam-se, entrincheiram-se n'eles e provocam o fogo que os ha de mutilar e desfazer, depois de profanados pela colocação das peças e pelas sapatas imundas dos artilheiros. Ferem-se mais os povos na sua alma cheia de afétos e de devoções do que no peito forte e corajoso dos seus exercitos.

Na falencia das armas, na falencia dos mil e um engenhos de mórte e de ruina, inventados todos os dias, recorre-se, para dominar, ao terror, á fome, ao esfacelamento do coração, conspirando e destruindo o que para ele ha de mais santo e estremecido. Se com a guerra, no dizer conceituoso do padre Vieira, nem

Deus no sacrario estava seguro, hoje podemos acrescentar que nem seguros estão os proprios mortos sob a sua lousa, acarinhada de flores confiadamente abrigada á sombra da cruz.

As granadas abrem as entranhas dos cemite-

rios, fazendo saltar em jactos vulcanicos, aos pedaços e á mistura com fragmentos das suas urnas, ossadas velhas e cadaveres ainda mal gastos nas suas mortalhas esfrangalhadas. N'essas lugubres crateras, entrincheira-se sacrilegamente a soldadesca. Um fogo vivo acaba por varrer todo o logar sagrado. Não escapou uma corôa, uma inscrição, uma só planta das que se

regaram com tantas lagrimas, para indicar onde os que nos são caros descansam—acerba ironia!—no sono eterno.

Hoje só repousam n'esse sono aqueles que estão fóra da pontaria desapiadada contra os santos e os mortos; hoje só póde ser feliz na morte o que a piedade sepultou n'um recesso ignorado, oculto na espessura, onde

os rebentos da sua alma o vão chorar, inspirando-se no seu nobre exemplo e aprendendo a abominar a ambição feroz e carnicera do homem.



Junto do tumulo d'um ente querido, morte em combate

Antonio Maria de Freitas.

# NA FRENTE PORTUGUEZA



Um aspéto das trincheiras portuguesas

**A**VISINHA-SE a ofensiva alemã, ha muito anunciada na frente occidental. São seus prenuncios os repetidos e violentos *raids* que o inimigo, com as suas tropas mais adestradas e arrojadas, tem dirigido contra varios pontos da linha de batalha, sondando os mais vulneraveis para n'elles lançar massas compactas de homens e procurar quebrar a resistente defesa dos nossos aliados. Estes, diga-se de passagem, encontram-se agora, melhor do que nunca, excelentemente preparados para que, n'esta nova luta, decerto a mais sangrenta de todas, a balança da vitoria continue pesando do seu lado.

Como era natural, por não conhecerem bem o valor militar dos soldados portugueses, foi o nosso sector alvo dos mais energicos ataques da *élite* do exercito alemão. Havia muitas semanas que nas nossas trincheiras reinava a calma, interrompida de quando em quando por duelos de artilharia, sem que, comtudo, afrouxasse a vigilancia ou as nossas tropas não estivessem preparadas para qualquer eventualidade.

Esta situação, porém, enervava demasiadamente os nossos soldados anciosos por se baterem e tomarem a ofensiva. Desde o começo

da nossa atividade nas linhas de combate que a ação das tropas portuguesas se limitava a repeller as raras, mas rudes, investidas de alguns fortes contingentes inimigos.

Foi em 2 do corrente que o heroismo dos nossos valentes soldados foi posto de novo á prova. Um importante destacamento alemão atacou, depois de uma violenta barragem de artilharia, as nossas trincheiras da primeira linha, conseguindo entrar n'elas, após um recontro furioso em demorado corpo-a-corpo. N'um imediato contra-ataque, em que officiaes e soldados empregaram uma coragem admiravel e um sangue-frio inaudito, foi repellido com pesadas perdas. O inimigo soube assim, e d'uma forma bem categorica, que o sector portuguez é inexpugnavel e o nosso exercito mantem ainda o genio denodado e a desmedida energia que tanto o caracterisou nas velhas guerras de terra e mar.

Extraordinariamente excitados, os nossos soldados, depois de convenientemente preparados, executaram um surpreendente assalto ás trincheiras alemãs que tomaram, não sem uma renhida resistencia dos seus defensores, chegando até ás segundas linhas e trazendo prisioneiros e material de guerra.



1. Sargentos de engenharia. Da esquerda para a direita, sentados: Pimenão, Cunha, Passos Silva, Benevides e Matos. De pé: Cortez, Nogueira, Leite, Silva, Mota e Machado.—2. Sargentos da 4.<sup>a</sup> companhia de infantaria 9. Da esquerda para a direita, sentados: Joaquim d'Almeida, João Guedes, João Candido Ferreira Veloso e Antonio Candido Teixeira Junior. De pé, no segundo plano: Po-firio L. Carvalho, Mateus Cardoso, Manuel L. Guedes, Antonio Pinto e José Moreira Uria. No terceiro plano: Levy Lopes, Manuel José e Joaquim da Silva d'Avó.



Sargentos de diversas unidades do C. E. P.—3. Da esquerda para a direita: José G. da Cunha, Alfredo A. de Lemos e Tadeu A. Gonçalves.—4. Da esquerda para a direita: Americo A. Bastos, Leopoldino J. Cerdeira e Franklim F. Barroso.



5. Julio Rodrigues, segundo sargento de artilharia.  
6. Antonio Pires, segundo sargento do C. P.

Da esquerda para a direita, sentados: Primeiro sargento-enfermeiro hipico Antonio da Silva, sargento-ajudante Francisco Maria Queiroz e segundo sargento artifice Humberto Rogerio de Moura Stofel. De pé: á direita o segundo sargento-artifice Luiz Rodrigues e á esquerda o segundo sargento-enfermeiro Guilherme d'Oliveira.

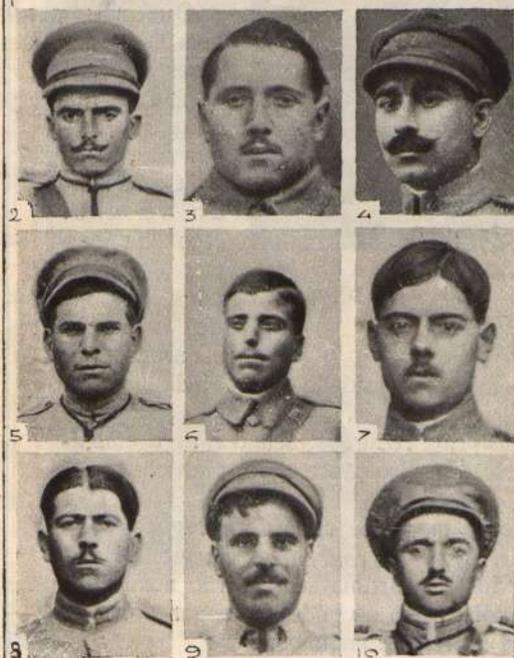
8: Carvalho, segundo sargento de infantaria.  
9. Paes, primeiro sargento da Guarda Republicana.



Soldados de infantaria. Da esquerda para a direita, sentados: José Bento e Antonio Lourenço. De pé: João Costa, José Brites e Francisco Gaspar.



Soldados do B. S. C. F. Da esquerda para a direita, sentados: Antonio Vaz e Jeronimo dos Santos. De pé: Antonio Silva, David Marques, Joaquim Pelega e A. Alves.



1. Um grupo de militares de Cantanhede, entre os quaes se vêem: José M. d'Oliveira (x), Ilidio d'Oliveira (xx), e Jorge da Costa (xxx).

Cabos e soldados: 2. Henrique Tomaz. — 3. A. Marques. — 4. Manuel Cabral. — 5. Antonio Pinto. — 6. Manuel Roque. — 7. José Aurelio. — 8. Manuel Cristo. — 9. Delfim de Campos. — 10. José da Cunha Niza. — 11. Diamantino d'Almeida. — 12. Francisco Gomes. — 13. Manuel Sequeira. — 14. Mario Fernandes. — 15. Albino Alves. — 16. Estevão Gaspar. — 17. José F. Lopes. — 18. Florindo Cabral. — 19. Luiz Ferreira.



## O segundo bombardeamento do Funchal



A igreja de Santa Clara atingida por uma granada na ocasião em que dizia missa o padre Abel da Silva, que foi ferido e igualmente o sacristão e duas mulheres.

Por ter sido metido no fundo o vapor *Neptuno* que levava material fotografico para os importantes fotografos e distintos colaboradores da *Ilustração Portuguesa*, srs. Perestrelo & Filhos, do Funchal, só hoje podemos reproduzir alguns aspéto dos estragos que produziu o segundo bombardeamento dos submarinos alemães contra aquela cidade, que constitue um verdadeiro crime, porque o Funchal é uma cidade aberta, sem que nada influa no estado de guerra a sua destruição.

Que mal ou bem lhes pôde fazer a formosa ilha da Madeira, que, desgarrada, se encontra no meio do oceano? Não lhes bastam as privações, a falta de comercio, a carência que

vae havendo de todos ou de quasi todos os artigos de primeira necessidade, para ainda lhes levar o terror, o panico e a morte!

Sim, porque a Madeira está quasi entregue aos seus proprios recursos, sendo rara a embarcação que ousa hoje tocar no seu porto, cutr'ora tão cheio de animação e agora oferecendo tão desolador aspéto.

Pelas ruas, as criancinhas, meio nuas, filhas da gente do mar, que vivia da navegação, estendem a mão á caridade publica, implorando uma esnola. A *Sopa Economica* regorgita de pobres, que se acolhem á sua desvelada sombra. Os protegidos da fortuna sempre vão auxiliando no que podem o desgraçado, mas este estado de coisas não se pôde prolongar por muito tempo, sem que a situação por toda a ilha seja horrivel e lastimosa.



Casa na rua das Carreiras, onde morava a família do malogrado dr. Gonçalves Pinto e onde caiu uma granada ferindo duas pessoas dentro de casa. Na rua os estilhaços mataram o infeliz Vilhena, feriram o engenheiro Furtado Mendonça e outras pessoas. No muro, ao lado, a distancia de 10 metros, vêem-se os sinais dos estilhaços encravados na parede.



Casa da rua da Bela Vista, onde habitava o dr. Alberto Jardim e família, os quaes fugiram ilesos. Foi alcançada pelos estilhaços da mesma granada, que a matou, Maria José Mendonça, na casa contigua.

(Clichés dos distintos fotografos funchalenses srs. M. O. Perestrelo & F.ºs).

## Homenagem ás vítimas do primeiro bombardeamento



Sr. Francisco Franco, distinto escultor madeirense, autor do monumento.

No Funchal realisou-se uma cerimonia comovedora e imponente — honrando a memoria das victimas do torpedeamento da canhoneira *Surprise* e dos vapores *Dacia* e *Kangaroo* — a cerimonia da inauguração do tumulo-monumento destinado a guardar os restos dos portuguezes e francezes que succumbiram na tragica manhã de 3 de dezembro de 1916. No plinto de bello calcareo do Porto Santo assenta o bronze do escultor Francisco Franco,



O monumento



Sr. Henrique Vieira de Castro, importante banqueiro, promotor da homenagem.

moço artista de brilhante futuro. E' o torso nu d'um homem de trabalho fulminado na lide. N uma das faces do plinto primorosos versos do poeta Jayme Camara completam o simbolismo do monumento. A' genese d'esta ideia e á sua pronta realisacão presidiu o gentilissimo espirito do sr. Henrique Vieira de Castro, a cuja influencia e prestigio pessoal se deve essa homenagem prestada aos mortos, que re-

presenta ao mesmo tempo a nobilitacão dos vivos.



Depois da cerimonia do descerramento. O general sr. Simões, pronunciando um discurso.

## A OBRA DA "CRUZADA DAS MULHERES PORTUGUEZAS"



Grupo de senhoras da *Cruzada das Mulheres Portuguezas* servindo com a maior solicitude de enfermeiras no Hospital Militar da Estrela: D. Maria Adelaide Camejo, D. Palmira Rodrigues de Pinho, D. Isaura de Jesus Magalhães Barbosa, D. Julia Peixoto de Lima Bessa, D. Aurora Alves Loureiro e D. Maria Luísa de Sá Viana.



Outro grupo de senhoras da *Cruzada* que com grande devotamento servem de enfermeiras no Hospital Militar de Belem: D. Encarnação Sanches de Peon, D. Maria do Rosado Prego Raposo, D. Georgina Pimenta de Matos Caldas, D. Maria de Lourdes, D. Felisarda Conceição Faria, D. Clotilde Gomes, D. Eulalia de Sousa Pereira, D. Maria Augusta Fernandes e D. Maria Palmira Peres.

(Cliché do distinto fotografo sr. Ernesto de Carvalho).

## Mr. Clemenceau de visita á frente de batalha



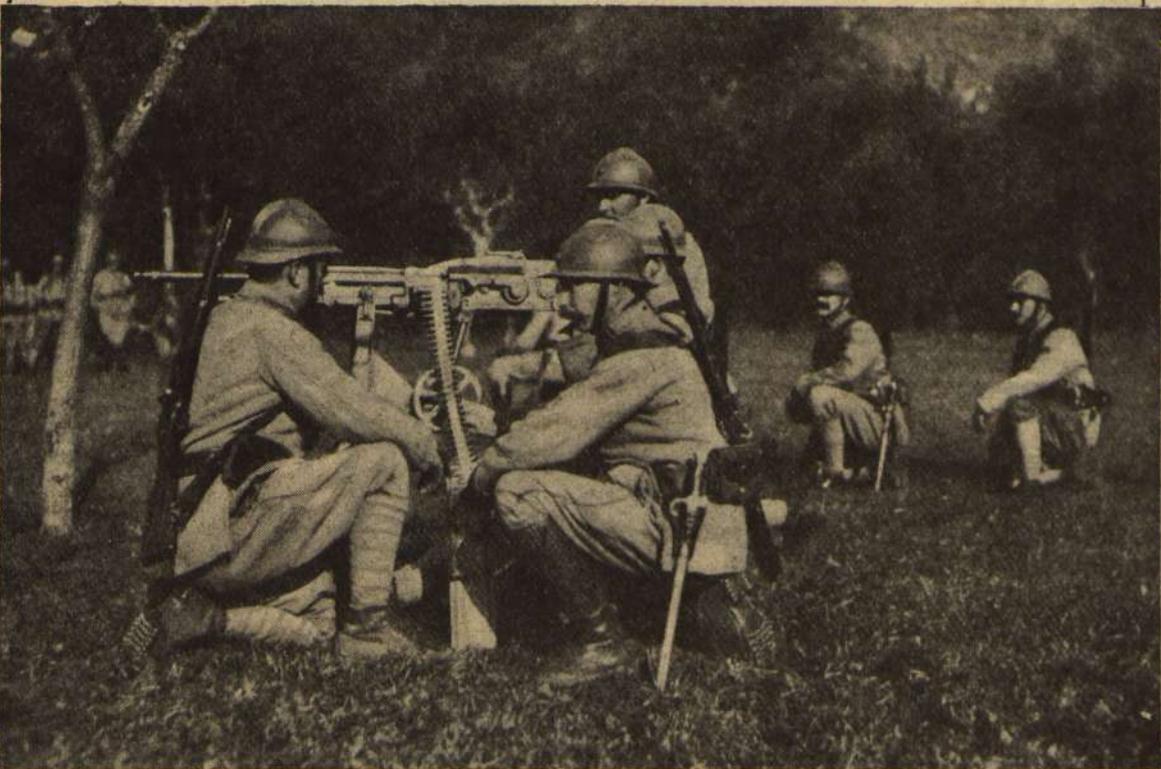
Mr. Clemenceau, ilustre chefe do governo francez, visitou recentemente todos os sectores da frente de batalha em França, onde colheu uma excelente impressão do garbo e denodo das tropas, que tão valentemente teem detido os violentos *raids* do inimigo, a quem por sua vez teem infligido consideraveis

perdas. As tropas portuguezas, junto das quaes se demorou algum tempo, fiseram uma aféтуosa manifestação ao insigne estadista, que lhes dispensou os mais elevados encomios pelas suas brilhantes qualidades militares de que pessoalmente ajuisou, o que é justo motivo para nos orgulharmos.

TROPAS FRANCEZAS EM ITALIA



Tropas francezas e italianas dirigindo-se ás primeiras linhas



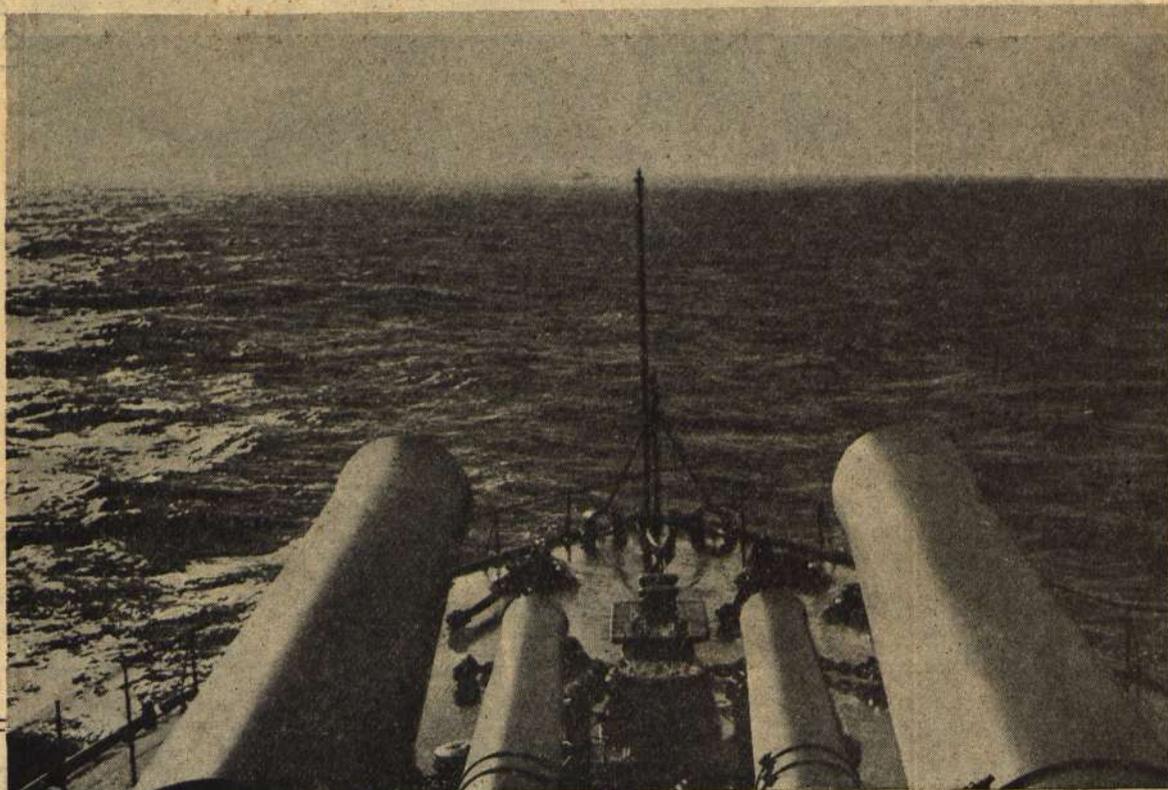
Uma metralhadora franceza com a sua guarnição em serviço na frente italiana

(Clichés da secção fotografica do exercito italiano).

Uma unidade naval britanica em cruzeiro



A guarnição d'um cruzador ligeiro britanico n um momento de repouso



O crepusculo no mar do Norte visto de bordo d'um 'courageado' inglez

# TRIANGULO VERMELHO PORTUGUEZ



Mr. Myron A. Clark, um dos mais dedicados dirigentes do Triangulo Vermelho.

**N**ASCIDO do fecundo esforço n'orte-americano, vamos ter o Triangulo Vermelho nas trincheiras portuguesas da França.

Não é uma noticia banal esta que vos damos. Nem uma coisa para se lér e esquecer, porque de ora-á-vante o Triangulo Vermelho vai ocupar nas nossas mentes espaço maior do que podemos prevêr. A bem

fundamentada opinião do sr. coronel Tomas Birch, illustre ministro da Republica dos Estados Unidos, é de que n'um futuro proximo a obra das Y. M. C. A., ou do Triangulo Vermelho, como ficou definitivamente conhecida nos campos de batalha da Europa, ocupará o quarto lugar, a seguir do Exercito, da Armada, e da Cruz Vermelha, nos serviços de defeza nacional.

As simpatias das mais altas personalidades saxonicas estão conquistadas a favor d'esta instituição. O presidente Wilson telegrafou-lhe as seguintes palavras, por ocasião da grande campanha da subscrição: «Os meus cordeaes parabens pelos notaveis e satisfatorios resultados. Penso que isto é uma benção nacional».

O ex-presidente Taft telegrafou n'estes termos, as suas congratulações ao dr. João Mott, leader das Y. M. C. A., que Portugal já conhece por duas visitas que nos fez: «Está demonstrado que o povo avalia a indispensabilidade do serviço que a organização de que sois chefe precisa levar a cabo, a favor dos nossos rapazes nos

campos de treino do *front*, junto aos exercitos dos nossos aliados».

O esforço americano é afinal uma continuação da obra ingleza, que já de há muito se vem fazendo, mesmo entre as tropas portuguesas. O novo e ingente esforço em prol d'uma obra em que já estavam empenhados, foi também recebido pelos inglezes que para o apreciar

bastar-nos-á a noticia do cablograma recebido por Mr. Virgo, secretario-de-campo da Comissão Nacional Britanica, que foi á America secundar o apelo de 50 mil contos feito pelas Y. M. C. A. americanas:

«O Primeiro Ministro exprime o seu grande apreço pela obra que tem sido feita durante a guerra pelas Uniãoes Cristãs da Mocidade (Y. M. C. A.). O sr. Lloyd George envia os seus melhores desejos pelo successo da vossa campanha americana».

Este apelo de que falamos foi coberto ruidosamente e destina-se á manutenção até 1 de Julho da obra do Triangulo Vermelho nos campos e aquartelamentos dos Estados-Unidos, nas varias

frentes de campanha da Europa, e ainda entre os exercitos na Africa Oriental Ingleza, Egito, Palestina e Mesopotamia, onde chegarão obreiros americanos.

Esta maravilhosa ação que tinha inicialmente

em vista o exercito americano, alargou-se já n'um tal horizonte de altruismo interracial que nos dá esplendidas esperanças de solidariedade de povos e de fraternidade humana para depois d'esta guerra,



Sr. Alfredo da Silva, presidente do Comité Nacional das Uniãoes Cristãs e também um dos mais sollicitos dirigentes do Triangulo Vermelho.



Interior d'um pavilhão do Triangulo Vermelho usado pelos soldados portuguezes do C. E. P. — A cantina.



Uma barraca do Triangulo Vermelho e um aspêto dos abrigos por detraz das primeiras linhas de combate.

quando a aguia germanica estrebuchar nos destroços da sua pandemia vencida e não mais se ouvir o grito orgulhoso de «Deutschland über alles» para refulgir no espaço luminoso a divisa da aguia americana: «E pluribus unum».

Para auxilio ao Triangulo Vermelho Italiano foram destinados mil contos, que assim chamaremos ao milhão de dolars da contagem americana. Mas quem faz uma facil idéa do que são mil e quinhentos contos de réis ou do que os quatro mil e quinhentos contos subscritos para o Triangulo Vermelho Francez pelos camaradas *yankees*!

E' grande soma de carinhos maternas, de pensamentos ternos de irmãs, de sorrisos gratos de anciãos, de largas fatias de comodidade dos ricos, de estreitas nesgas do indispensavel dos pobres, tudo condensado em *cents* e em *dolars* que, do Atlantico ao Pacifico se reuniram n'um monte que refulge ante o olhar de Deus, porque é ouro expurgado na intenção de afeito que o ofertou.

O Comité Internacional Americano já entregou a primeira grande soma para a organização e consecução de trabalhos do Sector Portuguez na França, e somas mensaes importantes serão enviadas para a Europa até o final da guerra. As Y. M. C. A. vão tambem enviar para o sector portuguez varios dos seus associados portuguezes residentes na America. O habilitado secretario posto á frente da obra

portugueza, em conexão com o Comité do Porto é o sr. Myron Clarck, organisador da associação do Rio de Janeiro e ultimamente iniciador da Associação Cristã de Estudantes de Coimbra.

O Comité Nacional das Uniões Cristãs da Mocidade, instalado na cidade do Porto, já conseguiu o assentimento de Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente da Republica e Ministro da Guerra, tendo o presidente do mesmo comité, o sr. Alfredo da Silva, ido no outono passado ao sector portuguez e a Inglaterra para estudar o campo e a obra, o que fez com a sua habitual intelligencia e actividade. Em companhia do sr.

Clarck partiu já para França o primeiro auxiliar portuguez do Triangulo Vermelho, Ernesto de Sousa, da União de Lisboa.

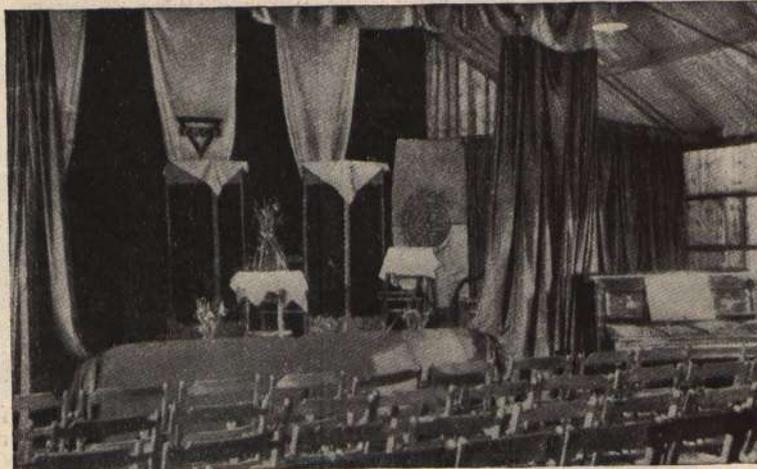
Sua ex.<sup>a</sup> o ministro plenipotenciario dos Estados Unidos em Lisboa, coronel Tomas Birch, está, como aliás as mais altas personalidades d'aquella gloriosa republica, empenhado n'este grande esforço em beneficio dos soldados, seguro da sua utilidade de que só poderemos dar aqui uma pálida idéa.

As Uniões Cristãs da Mocidade datam de 1844, quando se organisou a primeira d'essas instituições na cidade de Londres. Modestas ao principio tomaram tal incremento que, no inicio da conflagração europeia, contavam cerca de um milhão de socios e numerosos edificios no valor de quarenta mil contos. O seu distintivo era ao principio o monograma

grego de Cristo, a Biblia aberta e os nomes tradicionais das partes do mundo em orla circular, separados por *cortouches* com os monogramas da instituição em varias linguas. Os americanos adicionaram a essa complicada insignia um triangulo equilátero com a base invertida, tendo nas tres faces as palavras *Esprit*, *Mind*, *Body*, ou Alma, Mente e Corpo, os tres aspéto da obra com que se pretende educar integralmente a mocidade. Quando se collocaram os primeiros *huts* ou pavilhões no campo de batalha escolheram-se dos elementos do distintivo o mais suggestivo e simples, o triangulo que se desenhou a vermelho com uma faixa preta central e n'ela as iniciaes da instituição. E essa

insignia simplificada trouxe-lhe o nome pelo qual ha de ser conhecida universalmente e que já hoje é abençoada por milhares de pessoas.

No seu programa de educação sinérgica e simétrica da mocidade, e de auxilio aos jovens nas suas necessidades mentaes, moraes e fisicas, cabe tudo quanto é são, puro, forte o morigerador. Agora mesmo nos perigosos campos de França tem-se conseguido beneficios grandes n'este simpatico programa. Nos mesmos campos de treino, na America, calcula-se em 75% a proporção em que diminue as consequencias da sensualidade, pela obra do T. V. Para esse resultado contribuem as reuniões sociaes com cinematografo e grafonola, o chá e refrescos, as boas leituras facultadas,



1. Interior d'um pavilhão do Triangulo Vermelho usado pelos soldados portuguezes do C. E. P. — O salão dos concertos e conferencias.  
2. O Triangulo Vermelho nas linhas inglezas. — Uma cantina.

o papel fornecido, os exercicios fisicos, o canto coral e sobre tudo praticas mo- raes e de feição espiritual.

Fiel ao seu principio de neutralidade assectaria, o T. V. fornece local a reuniões devo- cionaes de qual- quer culto, res- peita a fé indi- vidual, procura afervorar os me- lhores sentimen- tos, com o res- peito filial, o amor patrio, o humanitarismo,

o desejo de progredir, a repugnancia pelo que é impuro. Por sua mediação teem sido expedidos do campo de batalha 400 milhões de cartas e bilhetes postaes, e cada dia que passa são novos milhares que vão alegrar mães, esposas e irmãs. Cada dia que passa tem o T. V. mais no seu ativo, que o seu capital é «fazer o bem», avalanches de bolos e rios de chá ou refrigerantes ingeridos pelos bravos que descansam; colunas de boa literatura e quilometros de *films* educativos que a rapaziada aprecia em horas de tréguas. Os dialogos de

fraternal aféto, as oportunas palavras de conforto ditas ao ouvido d'um que esmorece, que hesita, que recorda com saudade, formam romances inéditos com centenas de capitulos de palpitante interesse que já mais serão reproduzidos...

A tenta- ção a que os soldados estão sujeitos é um pavor que só avalia quem o tem visto de perto. A excitação d'aquelas horas, o desenfreamento provo- cado pelas circunstancias, a carencia do elemento moderador da familia, o esfumado dos horisontes mo- raes da infancia pela mudança de local, de sensações e de pessoas, o contagio dos peores exemplos e a provocação teimosa de agentes do vicio mancomuram-se para perder o soldado na sua saude, no seu caracter e nos seus ideaes, Pois o Triangulo Vermelho consegue com um



Uma barraca do Triangulo Vermelho perto da linha de combate onde é fornecida uma bebida quente aos soldados.



Uma casa arruinada acomodada aos serviços do Triangulo Vermelho.

inteligente pro- grama desporti- vo reduzir os im- pulsos, normali- sar as funções vitaes, equili- brar os nervos, saudabilizar.

O Canto Co- ral acaba de re- ceber um impul- so maravilhoso pela intuição ge- nial e a dedica- ção surpreen- dente do capitão Pegg, o *leader* canadense do Canto Coral. E' belo vêr multi- dões cantando ddisciplinarmente e com entusias-

mo. O efeito da musica sobre o espirito humano é já muito conhecido, para que nos demoremos sobre a questão. Aqui, ha o efeito da musica em si mesma, e a combinação d'esses dois principios de melhoria humana: a disciplina voluntaria e consciente, e a harmonia provocada e gosada.

Os testemunhos dos abnegados secretarios da Y. M. C. A. são tantos e tam belos que não os podemos reproduzir. Combate-se a embriaguez sem meios bruscos, a imoralidade sem imposições contraproducentes. Preenche-se a vida dos man-

cebos com o que é bom, com o que é melhor, com o que é otimo— e eis tudo.

Que ma- ravilhosa obra na guerra! Que glo- riosa es- perança para a paz!

Entre- tanto, o sacrificio está na ordem do dia. Na America fecha-se o comercio dos super-

fluos, paralisa a industria do luxo, e a geral idéa fixa é contribuir para a guerra atual, que o mesmo significa do que trabalhar pela paz futura. Todos compreendem o seu dever e os que não partem para as trincheiras querem ao menos ajudar os que partiram ou vão partir.

Oxalá em Portugal o mesmo se compreenda, e a obra do Triangulo Vermelho Portuguez será um dos eloquentes aspétoes d'essa compreensão.

**Eduardo Moreira.**

NO SALÃO

— DA —

# Ilustração Portugueza

## Concerto de amadores



Sr.<sup>a</sup> D. Victoria Maria Lopes, executante da orquestra.



D. Cristina Cardoso, executante da orquestra.



D. Maria de S. Maldonado, solista de piano.



D. Natividade Pita Grós, que acompanha ao piano.



D. Umbelina da Silva Salgueiro, distinta professora de musica e canto.

Um grupo de amadores distintos, que honram todos o Conservatorio de Lisboa, tendo á frente a distincta professora sr.<sup>a</sup> D. Umbelina Salgueiro, promove hoje na *Ilustração Portugueza*, ás 21 horas, um concerto, que promete ser brilhante, em favor da «Sopa para os pobres», instituida pelo *Seculo*, e que prosegue a sua grande obra humanitaria, distribuindo alimentação por milhares de desgraçados.

E' este o programa:

*Primeira parte* — I *Menuet*, de Beethoven, pela orquestra; II *Se tu ma'mi*, de Pergolesi, para canto, pela sr.<sup>a</sup> D. Umbelina Salgueiro; III *Phantaisie*, op. 28 de Mendels-

son para piano, pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Maldonado; IV *Phantaisie, Les Puritains*, op. 39 de Alard, para violino, pela sr.<sup>a</sup> D. Umbelina Salgueiro; V *Tregiorni son che Nina*,

de Pergolesi, solo de violoncelo com acompanhamento da orquestra.

*Segunda parte* — VI *Polonaise*, op. 26, n.º 1, de Chopin, para piano, pela sr.<sup>a</sup> D. Umbelina Salgueiro; VII *Rondó Elegante*, de Xieniawski, para violino, pelo sr. Raul Costa; VIII *Arietta de Romeu e Julieta*, de Gounod, para canto, pela sr.<sup>a</sup> D. Umbelina Salgueiro; IX *Phantaisie*, op. 77 de Beethoven, para piano, pelo sr. Carlos Real Costa; X *Brisa da tarde...* (*Morceaux lyriques*), de Mario Sampaio Ribeiro, para orquestra d'arco e piano.

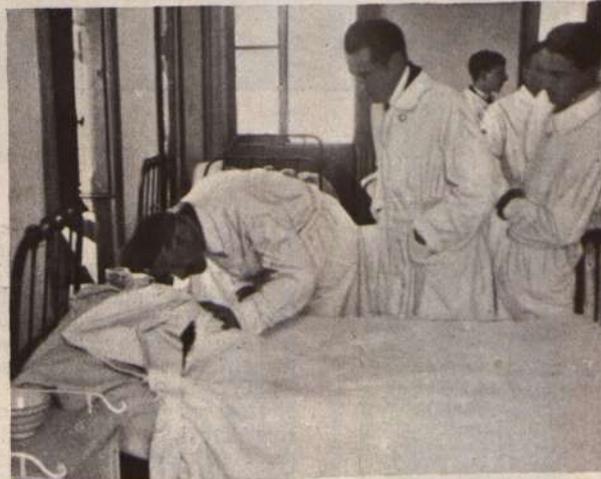
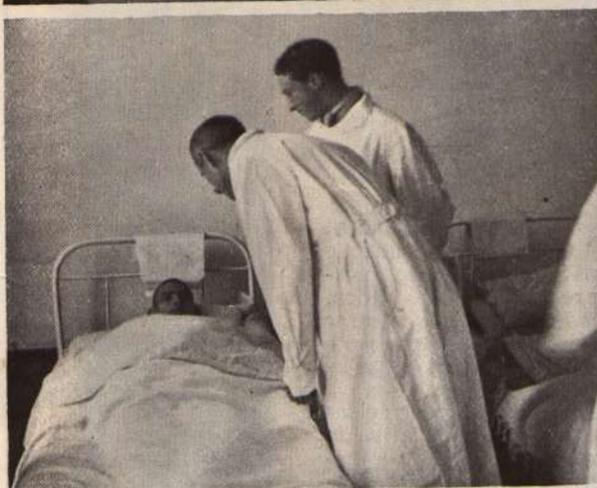
Acompanhamentos a piano pelo sr. Mario de Melo e pelas sr.<sup>as</sup> D. Natividade Gros e D. Maria Amelia Silveira.

Atendendo aos atrativos que oferece e ao fim humanitario a que se destina, o concerto de hoje terá, por certo, uma concorrência distinta e numerosa.



1. Sr. Raul Costa, solista de violino.—2. D. Albertina Costa, executante da orquestra.—3. Sr. Carlos Costa, solista de piano.—4. Sr. Horacio de Carvalho, executante da orquestra.—5. Sr. Mario de Melo, executante da orquestra.—6. Sr. Hildio Cirilo, executante da orquestra.—7. Sr. Ernesto J. Mendes, executante da orquestra.

# Ô TIFÔ NO PÔRTO



*Varios aspétos da visita do sr. presidente da Republica ao hospital dos tifosos*

PHOTO JOURNALIST BY G. M. L. S. 57

## O Bristol Club



Salão de jantar

**R**EFERIU-SE, na ultima semana, a imprensa periodica, á inauguração do Bristol Club, o novo centro de diversões á rua Eugenio dos Santos. Mas não acompanhou o acontecimento da reportagem fotografica, que, melhor que as descrições feitas, poderia mostrar aos que lêem quanto luxo, notavel gosto artistico e principalmente contorto, se encontram por todas as suas dependencias

Com as gravuras que ocupam estas duas paginas remediamos a falta, fazend o sobressair a iniciativa do sr. Mario de Freitas Ribeiro, a quem se deve a fundação do Bristol e seu diretor principal, que para tor-



Vestibulo do «Bristol Club»



Salão de leitura e diversões

nal-o uma tão brilhante realidade se não preocupou do enorme dispendio de aproximadamente 200 contos, transtormando o velho pardiêiro existente no local na atual maravilha. A beleza decorativa das salas, a magnifica e bem orientada distribuição de luz, as como-

didades que em todas se di sfrutam, justificam bem esta classificação e os encomios tecidos pelos visitantes áquele sr. e aos seus esforçados colaboradores, ainda agora repetidos nos jantares-concertos que todo os dias ali vão reunindo a sociedade elegante.



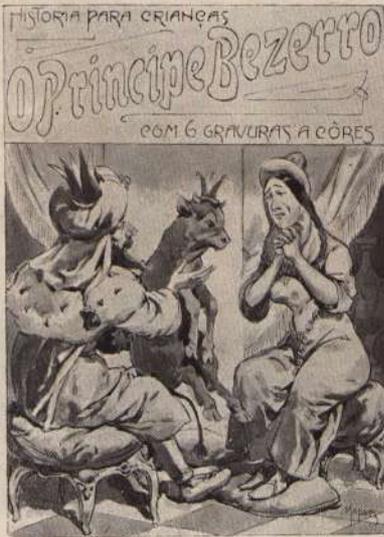
Salão de baile

# O melhor brinde da Pascoa

para as

## CRIANÇAS

são as 10 historias lindamente ilustradas a côres



### HISTORIAS JÁ PUBLICADAS

- |                          |                              |
|--------------------------|------------------------------|
| I — O macaco côm de fogo | VI — O Tesouro do rei        |
| II — Os tres corcundas   | VII — O principe bezerro     |
| III — O gigante negro    | VIII — O fuzil maravilhoso   |
| IV — O monstro azul      | IX — O papagaio magico       |
| V — A torre da má hora.  | X — Ali-Babá e os 40 ladrões |

Cada historia, 12 centavos — Coleções de cinco, 50 centavos

Não deixem de aproveitar as ultimas novidades literarias desta empreza

I — Ciumes de Mulher.....	André Theuriot
II — Maria a Infeliz.....	Henri Murger
III — Calvario de Mulher.....	Guy de Maupassant
IV — Amôr e Odio.....	Albert Delpit
V — Amôr de Freira.....	Jules Goncourt
VI — Depois do Amôr.....	George Ohnet
VII — 40:000 Francos de Dote.....	Emile Richebourg
VIII — Do Amôr á Loucura.....	Armando Ferreira
IX — Terrivel Misterio.....	Pierre Zaccane
X — Adoração Perpetua.....	Guy de Teramond
XI — Coração Virgem.....	Remy de Gourmont
XII — A Morta.....	Octave Feuillet
XIII — Suzana.....	Edouard Ourliac
XIV — Marido, Mulher e Amante.....	Armand Charpentier
XV — Os Humildes.....	Armando Ferreira
XVI — Mimi Pinson.....	Alfred Musset
XVII — Rosa Selvagem.....	Georges Maldague
XVIII — A Orfã.....	Cemille Pert
XIX — A Primavera.....	Paul Margueritte
XX — A Menina Cleopatra.....	Henry Greville
XXI — O Bom Cura.....	Honoré de Balzac
XXII — Um Homem!.....	Emilio Zola
XXIII — Henriqueta.....	François Coppée
XXIV — O Ultimo dia dum Conde- nado.....	Vitor Hugo
XXV — Remorsos!.....	Anatole France
XXVI — O Refugio.....	André Theuriot
XXVII — Quo Vadis?.....	Henrik Sienki wicz
XXVIII — A Culpa dos Pais.....	Perez Escrich
XXIX — Casamento Ditoso.....	Marcelo Prevost
XXX — Amo e Criado.....	Leão Tolstoi

Cartas de amôr de Sorôr Mariana.....	25 centavos
Manual do Empregado no Comercio.....	40 »
» de civilidade e etiqueta.....	40 »
Historia dos amôres celebres.....	25 »
O verdadeiro de S. Cipriano.....	1 escudo
Livro de sonhos.....	25 centavos
Anedoctas do Bocage.....	25 »
Fados e canções.....	25 »
Secretario dos amantes.....	25 »
Francez sem mestre.....	50 »
Inglez sem mestre.....	50 »

### OS GRANDES CRIMINOSOS

João Brandão, José do Telhado,  
Urbino de Freitas,  
Antonio Silvino e Diogo Alves

10 centavos cada volume

Cada volume, com capa a côres, ilustrado—25 centavos.

## EMPREZA LITERARIA UNIVERSAL

Calçada do Combro, 119-121  
LISBOA